

PEDAGOGIAS DO URBANISMO EM INTERVENÇÕES URBANAS

PEDAGOGIES OF URBANISM IN URBAN INTERVENTIONS

PEDAGOGÍAS DEL URBANISMO EN INTERVENCIONES URBANAS

Rodrigo Adonis Barbieri

Mestre em Educação pela Universidade Luterana do Brasil, arquiteto e urbanista – Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID: 0000-0002-0031-1728, e-mail: rodrigo.adonis.barbieri@gmail.com

Marisa Vorraber Costa

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS).
Docente na UFRGS/ULBRA – Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID: 0000-0002-0031-1728, e-mail: vorrabercoستا@gmail.com

RESUMO

Inscrito na perspectiva teórica dos Estudos Culturais em Educação, o artigo apresenta uma discussão acerca das possibilidades de uma dimensão pedagógica do urbanismo embasado em pesquisa que teve como objeto de estudo a proposta de revitalização do Cais Mauá de Porto Alegre/RS/BR. Nessa direção, expõe-se e debate-se o conceito de pedagogias culturais, adotado para a análise de tópicos do website da proposta, com aproximações à noção de revitalização no urbanismo. Argumenta-se acerca da produtividade da articulação entre campos distintos de saber – urbanismo e educação – para a investigação das cidades e das práticas que as constituem. Apontam-se estratégias empregadas no site para dirigir as percepções do público, ensinando o que seria desejável para melhorar a vida na cidade. Como corolário, entende-se o conceito de pedagogias do urbanismo como produtivo para se vislumbrar certa forma de conduzir a vida nas cidades.

Palavras-chave: Pedagogias do Urbanismo; Urbanismo; Educação; Estudos Culturais; Pedagogias Culturais.

ABSTRACT

Inscribed in the theoretical perspective of Cultural Studies in Education, the article presents a discussion about the possibilities of a pedagogical dimension of urbanism based on research whose object of study was the proposal for the revitalization of Cais Mauá in Porto Alegre/RS/BR. In this direction, it is exposed and debated the concept of cultural pedagogies, adopted for the analysis of topics on the proposal website, with approaches to the notion of revitalization in urbanism. It argues about the productivity of the articulation between different fields of knowledge – urbanism and education – for the investigation of cities and the practices that constitute them. Strategies used in the website to guide public perceptions are pointed out, as they teach what would be desirable to improve life in the city. As a corollary, the concept of pedagogies of urbanism is understood as productive to envision a certain way of conducting life in cities.

Keywords: Pedagogies of Urbanism; Urbanism; Education; Cultural Studies; Cultural Pedagogies.

RESUMEN

Inscrito en la perspectiva teórica de los Estudios Culturales en Educación, el artículo presenta una discusión sobre las posibilidades de una dimensión pedagógica del urbanismo a partir de una investigación que tuvo como objeto de estudio la propuesta de revitalización del Cais Mauá en Porto Alegre/RS/BR. En esta dirección, se expone y debate el concepto de pedagogías culturales, adoptado para el análisis de temas en el sitio web de la propuesta, con aproximaciones a la noción de revitalización en el urbanismo. Se discute sobre la productividad de la articulación entre diferentes campos del conocimiento – urbanismo y educación – para la investigación de las ciudades y las prácticas que las constituyen. Se señalan las estrategias utilizadas en el

síto para orientar las percepciones del público, enseñando lo que sería deseable para mejorar la vida en la ciudad. Como corolario, el concepto de pedagogías del urbanismo se entiende como productivo para vislumbrar una determinada forma de conducir la vida en las ciudades.

Palabras-clave: Pedagogías del Urbanismo; Urbanismo; Educación; Estudios Culturales; Pedagogías Culturales.

INTRODUÇÃO

Entre as habilidades exigidas para se viver nas cidades, aprender nelas e com elas, estão leitura, interpretação e decifração. Podemos conceber cidades como livros abertos, com linguagens e textos múltiplos, complexos e em constante transformação. Neles inscrevem-se as incontáveis e sempre renovadas lições que nos educam para assumirmos diferentes posições de sujeito. Tais lições atuam em variadas direções, mediante táticas que podem ser, inclusive, insidiosas, porque operam inscritas em numerosas atividades, discursos e práticas sociais. Com isso em mente, nosso artigo explora potenciais cruzamentos entre o urbanismo e a educação, argumentando acerca de certo modo pedagógico de operar que estaria embutido no planejamento e na prática urbanísticos, o que sugere a possibilidade de falarmos em *pedagogias do urbanismo*, com seus sombreamentos e contrastes, se consideradas as formulações conceituais das *cidades educadoras*, por exemplo.

Para tal empreendimento, nos valem, especialmente, do conceito de pedagogias culturais, que tem se mostrado produtivo justamente para examinar aquelas práticas sociais usualmente não consideradas educativas. Apresentamos uma tentativa de operar com esse conceito em uma pesquisa cujo foco de estudo foi a proposta de Revitalização do Cais Mauá em Porto Alegre/RS/BR¹.

A pesquisa foi desenvolvida em 2016 e 2017, tendo elegido como objeto de análise o *website* do empreendimento *vivacaismaua.com.br*, que esteve ativo até 2020, quando houve o cancelamento do contrato de execução do projeto por parte do Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

¹ Ainda que no *website* fosse utilizado o termo “projeto”, neste artigo, utilizaremos o termo “proposta” para fazer alusão à concepção do empreendimento como um todo, desta forma, são contempladas questões que vão além dos projetos técnicos, como o arquitetônico/urbanístico, por exemplo

No período compreendido entre os anos de 2010 e 2020, aconteceram na cidade vários debates sobre essa proposta de revitalização do Cais Mauá², com a produção de inúmeros artigos, trabalhos acadêmicos e matérias jornalísticas. Inteiramo-nos dessas movimentações, uma vez que elas apontavam elementos que justificavam o caráter polêmico da proposta e a mobilização de parcelas da população em torno dela.

Examinando o *website* como materialidade de análise, e lançando mão de ferramentas teóricas e metodológicas dos Estudos Culturais em Educação na vertente de inspiração pós-estruturalista³, buscou-se verificar quais eram as estratégias adotadas no intuito de conduzir as percepções do público quanto ao que deveria ser a intervenção ideal para a cidade desejada, assim como se procurou mostrar as estratégias discursivas (textuais e visuais⁴) para veiculá-las naquele sítio digital.

A mais recente proposta de intervenção no antigo porto da cidade de Porto Alegre, que vigorou até 2020, mostrou-se como um evento importante e polêmico. Importante, porque foi mais uma promessa de contemplar a cidade com um equipamento urbano multifuncional, de grande apelo turístico e econômico, o que poderia resultar em ganhos financeiros para a cidade. Polêmico, porque despertou reações contrárias em diferentes níveis e nos mais diversos segmentos sociais, seja pela forma como foi concebido ou pelas soluções que impõe.

Em nossa análise, entendemos que desde as funções básicas, às quais a proposta (especialmente o projeto arquitetônico) pretende atender, as táticas e modalidades de comunicação que visam mostrar um futuro em potencial, o empreendimento procurou forjar determinadas identidades e cenários mediante estratégias que consideramos pedagógicas. Isso porque elas intentam modelar e mobilizar as condutas, posições, escolhas ou atitudes da população, assim como pretendem modelar um determinado tipo de cidade, o que nem sempre é aceito docilmente. É nesse sentido que entendemos ser possível e desejável podermos considerar que estão em operação as pedagogias do urbanismo.

² Trecho do porto que homenageia Irineu Evangelista de Sousa (Jaguarão/Arroio Grande, 1813 – 1889), Barão de Mauá, prócer da industrialização brasileira no séc. XIX.

³ Referimo-nos aqui à vertente que assume o papel instituinte e constituente da cultura e da linguagem. A esse respeito tem sido central o artigo de Stuart Hall (1997) intitulado *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*.

⁴ Inspiramo-nos, para isso, no trabalho de Rose (2006).

O artigo está organizado em cinco tópicos, nos quais nos propusemos apresentar elementos analíticos que consideramos importantes para o intento proposto. São eles: *A cidade como um texto: sobre pedagogias culturais e vontade de dirigir sujeitos* – onde procuramos explicitar nossa aproximação aos conceitos de cidade como texto e de pedagogias culturais; *Nas trilhas das “revitalizações”* – em que abordamos brevemente a discussão e os desdobramentos da noção de revitalização urbana; *A proposta para o Cais Mauá* – no qual nos dedicamos a expor elementos da proposta; *Revitalização como representação* – onde são abordadas narrativas que impõem sentidos na transformação da cidade; *Cartilhas urbanas* – em que apontamos o uso de ferramentas pedagógicas tradicionais para a afirmação de determinados discursos urbanísticos. Encerramos com alguns *Apontamentos finais*, onde abordamos brevemente as possibilidades pedagógicas que vislumbramos nas articulações entre pedagogia e urbanismo, o que possibilitaria operarmos com o conceito de pedagogia do urbanismo.

A cidade como texto – sobre pedagogias culturais e vontade de conduzir sujeitos

Iniciamos lembrando as similaridades entre cidade e texto apontadas por autores como Harvey (1992), Sarlo (1997) e Rolnik (1995), entre outros, admitindo que ambos – cidade e texto – oferecem diversas camadas de leitura e comportam muitas formas de interpretação. Nessa direção, Rolnik (1995, p. 15-16) destaca ser “[...]evidente o paralelismo que existe entre a possibilidade de empilhar tijolos, definindo formas geométricas, e agrupar letras, formando palavras para representar sons e ideias”, afinal, “construir cidades significa também uma forma de escrita”.

Por esse viés, se tomada como um texto polissêmico, a cidade suscita um conjunto de sentidos para indivíduos e coletivos, ao mesmo tempo em que abriga inúmeras práticas de significação. Ou seja, como um texto que de certa forma nos dirige, nos coordena, o desenho da cidade também poderia ser compreendido como uma forma de condução de sujeitos e, nesse sentido, como uma ferramenta pedagógica – ideia em gestação e que procuramos expor neste artigo.

Além dos códigos presentes no espaço urbano, de maior ou menor intencionalidade, o próprio cenário da cidade estabelece elos entre pessoas e gerações, articulando as memórias pessoais e coletivas. Por sua vez, a legibilidade destes elementos

é central para questões como pertencimento e identidade. As intervenções incidentes, independente das intenções, tensionam as diversas redes, pois alteram aspectos dos territórios físicos e mentais, que configuram sentimentos e comportamentos, ou seja, a forma como a cidade é produzida dirige subjetividades.

Neste contexto, uma das particularidades do urbanismo é a de abrigar dispositivos de caráter modelador, devido justamente à sua natureza propositiva, já que se constitui não apenas em instrumento de análise, mas visa intervir em uma determinada condição, alterando-a para um estado supostamente melhor. Dessa forma, sendo um saber que atua sobre a cidade, o urbanismo é o resultado de discursos e verdades que se dobram sobre o espaço, constituindo coletividades por meio de construções culturais que dispõem sobre o que seria bom ou mau, desejável ou descartável, estando aí implícitas certas visões de mundo, de sociedade, de cidadãos, de valores.

Em termos gerais, podemos considerar que uma proposta urbanística representa uma vontade transformadora, um intento de mudança que também pode abrigar, conduzir, conformar e administrar hábitos e comportamentos, seja de pessoas, grupos ou populações. Acreditamos na existência de um afã pedagógico no urbanismo ao desejar produzir parte do cenário das populações, lugares físicos e mentais onde se processam inúmeras ações de suas vidas. Nossas condutas são suscetíveis ao espaço urbano, não apenas por suas qualidades materiais, mas também pelas representações a ele associadas, e por constituir-se como agência de discursos e ideologias. Nesse sentido, o espaço urbano não pode ser considerado um ente neutro ou indiferente, estando sempre comprometido com intenções, ainda que estas estejam embutidas, quer dizer, raramente sejam expressas abertamente e, por isso mesmo, dependam da capacidade interpretativa e de decifração do público endereçado.

De acordo com tal abordagem, as propostas urbanísticas (intervenções urbanas que vão além do respectivo projeto arquitetônico/urbano) buscam viabilizar-se acomodadas em discursos hegemônicos, e que são produtivos na medida em que forjam pensamentos e práticas. Ou seja, uma situação estabelecida pode ser superada por meio de um processo de resignificação, entendimento assim sintetizado nas palavras de Sanchez (2001, p. 35):

Ao produzir um objeto material na cidade, uma praça, um monumento, um edifício, produz-se também a maneira como será consumido, através das práticas ideológicas que produzem o objeto sob a forma de discurso e

imagem. Assim, a reelaboração simbólica que um discurso efetiva é parte integral da realidade social e, por essa razão, tal realidade é também constituída ou determinada pela própria atividade de simbolização.

Nesse panorama, como, então, o urbanismo atuaria pedagogicamente?

Ainda que parcialmente, pretendemos responder a esse questionamento recorrendo ao conceito de *pedagogias culturais*, que emerge⁵ no campo das análises culturais em educação, e amplia o espectro de possibilidades para se pensar em novas formas e lugares de operação daquilo que entendemos como processos educativos.

As pedagogias culturais operam em práticas que educam sujeitos para além daquelas já consagradas como inerentes a essa finalidade. De forma não convencional, como é o caso das pedagogias costumeiramente associadas à escola, a noção de pedagogias culturais emerge como ferramenta de análise que pode ser empregada também em um campo como o do urbanismo. Desterritorializada de seu campo enunciativo usual, as pedagogias culturais (conceito predominantemente empregado na flexão plural) são úteis quando desejamos nos referir a uma plêiade de práticas não escolares que podem ser consideradas como de cunho didático-pedagógico.

Nos últimos anos, observa-se o incremento das discussões sobre instâncias educativas que se configuram fora das escolas e salas de aula; instâncias não restritas, portanto, às formas tradicionais de ensino, assentadas em estratégias pedagógicas historicamente consagradas. Um marco destacado nessas discussões, e particularmente interessante para este artigo, é a obra *Places of Learning: media, architecture, pedagogy*, de Elizabeth Ellsworth (2009), que chama a atenção para o caráter pedagógico da vida social contemporânea, trazendo-nos uma interessante e consistente análise sobre vários tipos de espaços culturais (museu, edifício, mídia) como lugares de aprendizagem. A autora entende-os como lugares anômalos de aprendizagem, que criam modos de relacionamento entre o eu e o outro, esboçando certo tipo de ação pedagógica que faz com que o espaço exterior dialogue com o interior dos sujeitos e promova deslocamentos em seus modos de ver, pensar e agir.

Segundo as pesquisadoras Camozzato e Costa (2013, p. 23),

⁵ Sobre a invenção, disseminação e usos do conceito de *pedagogias culturais*, ver o artigo de Andrade e Costa (2017). Sobre trabalhos que adotam esse conceito, ver a coletânea organizada por Camozzato, Carvalho e Andrade (2016).

Do enfoque no ensino-aprendizagem, marcadamente concentrado no interior de espaços escolares, observa-se um crescente deslocamento para análises e debates que sinalizam o quanto as aprendizagens ocorrem em diversificados espaços e artefatos que circundam, transcendem e também atravessam a escola.

Como uma das consequências desse deslocamento, observamos a crescente associação do termo pedagogia a diferentes situações, o que tem produzido uma série de interpretações que ampliam a noção de pedagogia e seus efeitos. Camozzato (2014, p. 574) salienta que são “[...] infindáveis usos do conceito de pedagogia” e que este é “cada vez mais empregado para mostrar a operacionalidade de discursos específicos em artefatos que se dispõem a educar e produzir determinados tipos de sujeitos.”

Andrade e Costa (2015, p. 55) avançam na tentativa de explicitar o conceito de pedagogias culturais ao afirmarem tratar-se de

[...] ferramenta que permite mostrar quais e como outros espaços, para além da escola, produzem ações do sujeito, o subjetivam e o conduzem; um processo também entendido como educativo, mas cujos objetivos são distintos daqueles da educação promovida mediante o desenvolvimento de experiências curriculares na escola.

Pode-se dizer, com inspiração em perspectivas foucaultianas e pós-estruturalistas de análise⁶, que esses eventos e artefatos culturais, entre os quais também se poderiam inserir práticas como a do urbanismo, implicam dispositivos que operam na constituição e no governo de sujeitos.

Desse ponto de vista, pensamos que uma intervenção urbana, como foi o caso da proposta de Revitalização do Cais Mauá em Porto Alegre, também possa implicar o que Camozzato e Costa (2013) apontam como uma “vontade de pedagogia”, cuja pretensão é moldar e conduzir sujeitos e subjetividades. É nesse sentido que vislumbramos as pedagogias do urbanismo como integrantes de processos que também têm lugar nas cidades educadoras e demandam análises acuradas.

Nesse contexto, convém trazer luz sobre outro conceito importante – o de *cidades educadoras*⁷ –, mais consolidado, e que apresenta diversas pontes com as ideias aqui desenvolvidas, sobretudo, por tratar de objetos comuns: a cidade e a educação. A mesma

⁶ As perspectivas a que nos referimos nesta passagem estão presentes em um conjunto de artigos, livros e outras publicações que subsidiaram a pesquisa original. Alguns desses trabalhos são: Costa (2000), Costa e Wortmann (2016); Foucault (2013); Hall (1997, 2016); Noguera-Ramírez (2009); Veiga-Neto (2000).

⁷<https://www.edcities.org/pt/guia-metodologica/>

ressalva poderia ser feita a outros instrumentos, como o Estatuto da Cidade⁸, por exemplo, mas que não cabem nessa discussão em virtude do recorte adotado.

Entretanto, embora haja incontáveis tangências, entendemos que as possíveis pedagogias do urbanismo se distinguem por estarem inseridas em práticas pedagógicas que não têm a escola como aparato principal. Boa parte do discurso das cidades educadoras ressalta as oportunidades para se fazer uso do espaço urbano, do território, das redes e das comunidades (a cidade em suas múltiplas camadas, concretas ou abstratas), promovendo-se a educação, a cidadania e as suas inter-relações a partir de instituições escolares, no caso, ainda centrais nesse processo, sem deixar de reconhecer o potencial de outros meios, como seria o caso das pedagogias culturais, aqui protagonistas em termos teóricos.

As cidades educadoras prescrevem uma relação intensa de participação e apropriação do território, enquanto o urbanismo e seus métodos podem ou não respeitar estas premissas e, em último caso, até ignorá-las propositalmente.

Logo, o Urbanismo, como campo disciplinar e práxis tecnocrática, pode ou não incorporar princípios das cidades educadoras e, justamente, no presente artigo, entendemos que, em vários aspectos, a proposta que analisamos acabou por se distanciar do que é defendido por aqueles princípios, o que por si só renderia outras abordagens e ensaios analíticos. Contudo, não abdicamos da suposição de que reconhecer as pedagogias do urbanismo em operação poderia constituir-se em mais um elemento instigante para as análises e práticas das cidades educadoras.

Nas trilhas das “revitalizações”, a proposta para o Cais Mauá

Inscrita na sempre crescente onda de “revitalizações” que se espalhou pelo mundo nos últimos quarenta ou cinquenta anos, a capital do Rio Grande do Sul também tem promovido discussões acerca de “grandes intervenções” urbanas, entre as quais se destacam as obras voltadas ao seu antigo porto fluvial, entre elas a recente proposta de Revitalização do Cais Mauá (fig.1). Note-se que essas fazem parte de um intento maior, qual seja, a indefinida “revitalização” do centro histórico de Porto Alegre, que não se

⁸ LEI n 10.257, de 10 de julho de 2001. Regulamenta os artigos 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110257.htm

desenvolvem de forma integrada, mostrando-se fragmentadas e vinculadas a diferentes programas e esferas governamentais.

Figura 1: Simulação/fotomontagem da proposta de revitalização do Cais Mauá.



Fonte: <http://vivacaismaua.com.br/eia-rima/>

Do ponto de vista histórico, o porto da capital é resultado de sucessivas transformações na ponta de uma península fluvial, como aterros e trapiches, que moldaram a cidade e, conseqüentemente, a vida nela. O aspecto atual do Cais Mauá começou a tomar forma a partir dos anos vinte do século passado, sendo óbvias, portanto, as relações identitárias da cidade com seu porto e a bagagem simbólica que isso carrega.

A iniciativa de “revitalização” mais recente é fruto de concorrência pública realizada pelo governo do estado do Rio Grande do Sul em 2010, tendo como vencedor o consórcio Cais Mauá do Brasil S.A., que disputou o certame com outros três concorrentes. Oficialmente, os projetos arquitetônicos (ou estudos) apresentados nessa proposta são de autoria de dois importantes escritórios que atuam na área: o do arquiteto e urbanista brasileiro Jaime Lerner⁹ e o do arquiteto espanhol Fermín Vázquez¹⁰, ambos profissionais que gozam de prestígio internacional.

⁹ Jaime Lerner (Curitiba, 1937-2021). Arquiteto e Urbanista, prefeito de Curitiba por três vezes e governador do Paraná por duas vezes, também eleito presidente da União Internacional de Arquitetos em 2002. Reconhecido pelo planejamento e intervenções em Curitiba entre outras obras urbanísticas.

¹⁰ Fermín Vázquez Huarte-Mendicoa (Madrid, 1961). Arquiteto, lidera o escritório b720 de Barcelona, fundado em 1997, com destacadas obras em vários países.

Ainda que nas últimas décadas tenham surgido hipóteses para novos usos, os espaços do porto atual (no caso, o trecho do Cais Mauá, pois existem outros segmentos, como o Cais Navegantes) foram cedidos esporadicamente para eventos de caráter provisório, como a Feira do Livro de Porto Alegre, a Bienal do Mercosul ou o MAC (Museu de Arte Contemporânea), entre outros, havendo, portanto, a intercalação entre eventos culturais e comerciais.

Em resumo, de acordo com as informações presentes no *website* do empreendimento até 2020, a destinação para os mais de 3.2 quilômetros de extensão do cais compreendia um complexo a ser desenvolvido em três setores.

O setor correspondente à área central tombada e onde se localizam os armazéns a serem restaurados, daria suporte a atividades culturais e gastronômicas, recebendo um polo de design e decoração, um hotel, um terminal de passageiros para transporte fluvial, além de bares, restaurantes e lojas. Em outro setor, mais ao norte e próximo à atual Estação Rodoviária da cidade, seriam construídos três prédios comerciais, torres de até cem metros de altura, acrescidos de um centro de eventos que aproveitaria o prédio de um antigo frigorífico, além de outros espaços como instalações industriais e portuárias. Finalmente, o conjunto seria coroado, mais ao sul, por um *shopping center* próximo à Usina do Gasômetro¹¹, situado às margens do lago Guaíba, comportando, entre outros serviços, um grande estacionamento, sendo prevista a ligação até a praça vizinha, Brigadeiro Sampaio, superando a avenida que separa o Cais dessa área pública.

Não excluindo outras questões, tal *shopping center* revelou-se como um dos pontos de maior rejeição à proposta, principalmente por sua natureza e impacto, o que causaria alterações visuais e funcionais consideradas muito negativas para a paisagem.

Para nossos objetivos neste artigo, lançamos mão de um recorte da pesquisa mais ampla sobre o tema – *Representação e pedagogia nos embates por um projeto urbanístico: a revitalização do Cais Mauá de Porto Alegre* (ADONIS BARBIERI, 2017). Elegemos para isso apresentar em dois tópicos – “Revitalização como representação” e “Cartilhas urbanas” – uma breve análise de alguns elementos do *website*, que esteve ativo de 2010 a 2020 e foi o principal veículo de comunicação do empreendimento.

¹¹ O Centro Cultural Usina do Gasômetro, situado na ponta da península, é uma antiga usina de geração de energia reciclada em 1991, sendo desde então um importante equipamento municipal para atividades artísticas e de lazer.

Revitalização como representação

O conceito de *representação* adotado é inspirado em Hall (1997), reconhecido pesquisador dos Estudos Culturais, cujos fundamentos provêm dos estudos desenvolvidos por Saussure e Barthes, baseados na semiótica, bem como por Foucault, por meio da abordagem discursiva. Desde a “virada cultural” (HALL, 2016) nas ciências humanas e sociais, o sentido é visto como algo a ser produzido – construído – em vez de ser simplesmente “encontrado”.

Em termos gerais, a *representação* diz respeito à construção de significado por meio da linguagem, sendo que esta, por sua vez, consiste em signos organizados em relações diversas, codificados através de convenções sociais. O sentido é construído pelo sistema de representação (HALL, 2016, p. 42).

Desta forma, para Sanchez (2001, p. 3), “Se ler a cidade significa ter uma representação de cidade, construir uma imagem de cidade significa também compreender e interpretar e, sobretudo, sintetizar, dada a complexidade do fenômeno observado”. Esse autor também argumenta que “‘leituras’ no plural, implicam que a cidade pode ser representada, ou melhor, imaginada, a partir de diversos olhares. Não há uma única leitura possível”.

De início, já apontamos para o próprio título da proposta, “Projeto de Revitalização Cais Mauá”, onde se destaca o emprego do termo *revitalização*, repetindo uma tendência recorrente em iniciativas similares. Usualmente, as intervenções urbanas projetadas para áreas antigas têm adotado um vocabulário bastante característico nesse sentido. São corriqueiras as expressões envolvendo o prefixo “re”, tais como revitalizar, remodelar, renovar, restaurar etc., o que acaba produzindo uma espécie de lugar-comum no que se refere a esse tipo de empreendimento. O uso de tais expressões é investido da promessa de tornar melhor a cidade nos aspectos físicos, sociais e econômicos, sem definir exatamente “o que”, “como”, “para que” ou “para quem” seria este “melhor”.

Um conjunto de significados é acionado por meio desses movimentos, o que, mesmo temporariamente, mobilizaria expectativas sobre os destinos dos espaços a sofrerem tais intervenções. Entretanto, “revitalizar” também indicaria que o lugar em questão estaria morto, desprovido de qualquer animação, condição por vezes inverídica. Não são incomuns os casos em que a revitalização significa apenas uma troca no perfil do

usuário, na substituição de um determinado público frequentador por outro, em geral mais aquinhoado financeiramente e mais apto à mobilização dos interesses comerciais em jogo na conquista por aquele espaço.

Em uma rápida cronologia, pode-se dizer que a expressão “revitalização” (e suas variantes) começou a ser empregada no campo do urbanismo a partir dos anos 1960 como uma das respostas aos efeitos colaterais do ideário modernista aplicado às cidades, muito vinculados à destruição da paisagem urbana e seus significados, particularmente nos centros históricos.

Com o passar do tempo, expressões como revitalização, requalificação, ou reabilitação urbanas, entre outras, tornaram-se triviais, mesmo sem maiores preocupações com a definição conceitual de tais termos. Tudo é passível de ser “re”! Nesse contexto, fala-se em “revitalização urbana” de forma banal, como sendo algo natural, com significado inequívoco e compartilhado, supondo a existência de consenso sobre o conceito.

Del Rio (2015, p. 2) corrobora tal entendimento ao abordar o tema de forma panorâmica, demonstrando como esse ideário tem sido disseminado.

Adotado em diferentes graus e roupagens em cidades do mundo inteiro, e destacando-se pelos diversos exemplos bem-sucedidos de cidades norte-americanas e europeias, como Boston, Baltimore e São Francisco (EUA) – as pioneiras – e de Londres e Glasgow (Grã-Bretanha), Barcelona e Bilbao (Espanha), Berlim e Hamburgo (Alemanha); o movimento na direção da revitalização das áreas centrais foi plenamente aceito como o novo modelo para o desenvolvimento urbano.

Talvez exista um imaginário onde a simples menção ao termo “revitalização urbana” insinue o início de um processo, de uma categoria, ou mesmo sugira a certeza de que melhorias estariam sendo postas em marcha. A priori, abrigaria um conjunto de “boas intenções” para com a cidade, remetendo a uma série de representações positivas, muitas delas bancadas pela mídia e que, por sua vez, acabam incorporadas por políticos das mais diferentes correntes ideológicas, transformando-se, portanto, em uma ação no campo simbólico. Uma verdadeira panaceia universal.

Stuart Hall (1997, p. 20) aborda tais práticas de significação, ajudando a compreender as implicações culturais presentes nesses processos afeitos às cidades.

Consideramos pertinente e oportuno citar aqui uma passagem significativa desse analista cultural acerca desse assunto:

[...] tornou-se bastante acessível obter-se informação acerca de nossas imagens de outros povos, outros mundos, outros modos de vida, diferentes dos nossos; a transformação do universo visual do meio urbano tanto da cidade pós-colonial (Kingston, Bombaim, Kuala Lumpur) quanto da metrópole do ocidente através da imagem veiculada pela mídia; o bombardeio dos aspectos mais rotineiros de nosso cotidiano por meio de mensagens, ordens, convites e seduções; a extensão das capacidades humanas, especialmente nas regiões desenvolvidas ou mais ricas do mundo, e as coisas práticas comprar, olhar, gastar, poupar, escolher, socializar realizadas à distância, virtualmente, através das novas tecnologias culturais do estilo de vida *soft*. A expressão centralidade da cultura indica aqui a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, *mediando tudo*.

No caso particular da “revitalização do porto de Porto Alegre”, a expressão abrigaria certa contradição, pois dar “nova vida” ao porto inclusive poderia significar a retomada de sua atividade original, a do transporte de cargas, indo na contramão do que é proposto: transformar para fins culturais, turísticos e mercantis, conforme divulgado pelo próprio Consórcio Cais Mauá S.A. em seu *website*:

Inspirado em alguns dos mais bem-sucedidos projetos de revitalização do mundo, o novo Cais Mauá chega para reintegrar os porto-alegrenses e seu Centro Histórico às águas do Guaíba. Muito mais do que a reforma de um antigo espaço à população, é um complexo que vai dar mais vida à cidade. São mais de 181 mil m² dedicados a cultura, lazer, gastronomia, turismo, negócios e eventos. Em 25 anos, estima-se que o Cais Mauá resulte em investimentos em torno de R\$ 500 milhões. Quando estiver em pleno funcionamento, vai gerar 28 mil empregos.

Cartilhas urbanas

O *website* da proposta de revitalização do Cais Mauá evidenciou sua intencionalidade pedagógica ao operar como uma cartilha que guiou, modelou, prescreveu formas de circulação, sendo acionado constantemente por diferentes agentes, órgãos, esferas de comunicação. E sua força pedagógica manifestou-se, inclusive, ao mobilizar formas de resistência à proposta. Quer dizer, ele foi produtivo em variadas direções.

Nestes termos, um elemento que reforça o aspecto de “prática pedagógica” do urbanismo refere-se a “receitas” e “modelos” que se difundem, não apenas no presente, e que têm na repetição sua principal estratégia.

De acordo com Benévolo (2005), desde a Grécia clássica são reproduzidos ou imitados certos padrões na configuração (desenho) de cidades, seja no caráter de determinados espaços, nas relações hierárquicas ou, inclusive, no significado de certos equipamentos urbanos. Por exemplo, para os romanos, segundo Munford (2008, p. 250), a concepção das cidades acontecia conforme preceitos culturais específicos, sendo que a dotação da urbe com todo o tipo de “equipamento padrão” era condição indispensável para o que era aceito como civilizado ou adequado dentro de um certo conceito de civilização. Levar aos novos territórios conquistados aparatos como termas, teatros e fóruns, por exemplo, fazia parte da incorporação cultural dos colonizados, uma maneira de assimilá-los ao império pela via não militar. Tal movimento pode ser vislumbrado como uma forma de educá-los, constituindo, portanto, certa pedagogia com vistas à sua inserção no *modus operandi* de outro universo cultural.

Já nas cidades medievais, as muralhas indicavam proteção, ao mesmo tempo em que demarcavam um território. Posteriormente, o renascimento e o barroco deixaram suas marcas de poder através de grandes perspectivas, estando esse mesmo princípio compositivo presente na concepção de Brasília, entre outras.

As intervenções do Barão Haussmann¹² referenciaram outras reformas, como a da Avenida Central no Rio de Janeiro, no início do século XX, e seu “bota abaixo” e mesmo a do Plano Geral de Melhoramentos de Porto Alegre de 1914 (SOUZA, 2008). Já nos anos 1960, Jane Jacobs (2003), jornalista nova-iorquina e ativista urbana, torna-se protagonista nas movimentações em defesa das cidades tradicionais ao se contrapor à “destruição” de Manhattan por Robert Moses, adepto do ideário modernista, aplicado, até então, de forma incontestada.

Em tempos mais recentes, tornou-se predominante o entendimento da cidade através do modelo empresarial, ou a “cidade mercadoria”, sendo um elemento privilegiado da “condição pós-moderna”, conforme argumento desenvolvido em Harvey (1992).

¹² Georges-Eugène Haussmann (Paris 1809-1891) foi prefeito do Sena na Paris de meados do sec. XIX, durante o governo de Napoleão III; foi responsável pela dramática renovação urbana que deu origem a obras como a avenida Champs-Élysées, entre outras ações de embelezamento urbano.

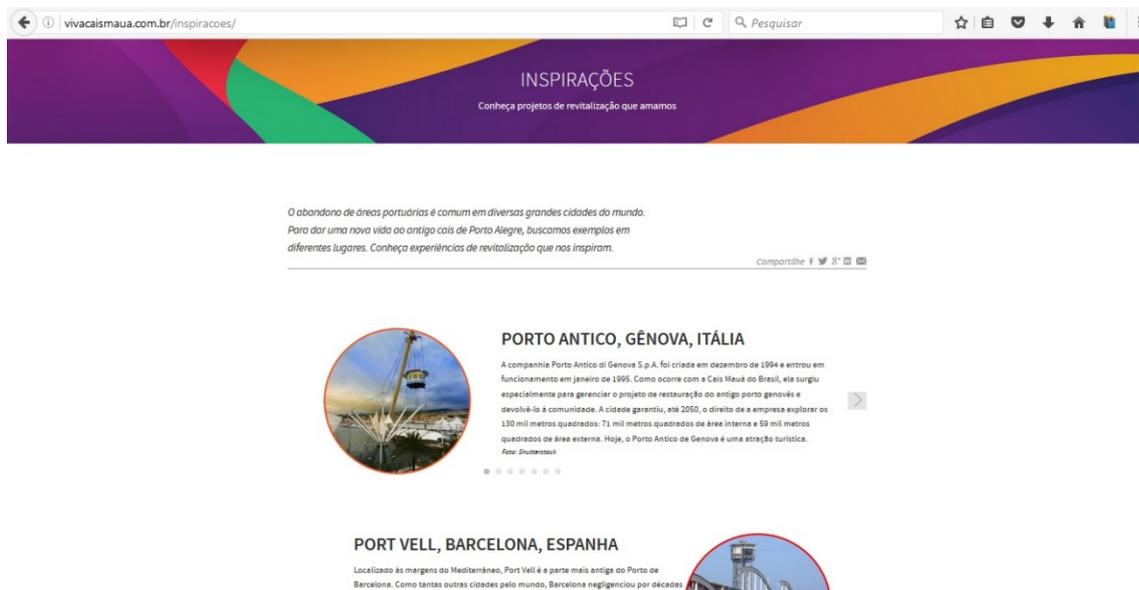
Nesse panorama, paradigmas como o “Modelo Barcelona” ou o “Efeito Bilbao” têm colonizado as discussões sobre urbanismo e planejamento praticamente como um manual que dirige os diversos agentes envolvidos com suas fórmulas. Tratar-se-ia de certo modelo de atuação que ensinaria a revitalizar toda e qualquer cidade.

O “mito” Barcelona produziu certa “pedagogização” do modelo, fazendo com que a cidade tenha se tornado uma exportadora de consultores e especialistas, muitos dos quais pouco ou nada envolvidos com as operações realizadas, mas que são solicitados pelo simples fato de serem barceloneses ou residirem na cidade. Como em uma cartilha, ou seja, “tudo o que vem” de Barcelona parece ser uma solução para todo e qualquer problema urbano, crença que ainda persiste em muitas cidades brasileiras. São ilustrativas as experiências de Curitiba, do já citado Jaime Lerner, ou do projeto Rio Maravilha, no porto velho do Rio de Janeiro, com seu Museu do Amanhã assinado pelo também celebrado arquiteto espanhol Santiago Calatrava¹³.

Como era observável no *website* da proposta de revitalização, mais precisamente na aba *Inspirações*, muitas referências a casos de “sucesso” como o do *Port Vell*, em Barcelona (fig.2), eram apresentadas. Dessa forma, a proposta buscava se colocar como afiliada a esses modelos consagrados, como uma continuidade de experiências nacionais e internacionais que visam promover a cidade na sua dimensão mercadoria. Tais estratégias, também chamadas de *city marketing* ou marketing urbano, parecem “indicar a emergência de um conjunto de representações que definem uma cidade ideal, fruto de uma competição imagética, de luta simbólica que procura dotar esta cidade ideal das quantidades apropriadas de valores hegemônicos.” (SANCHEZ, 2001, p. 25). Nesse contexto, a cidade ideal pressupõe um habitante ideal, com desempenho condizente com este status, e que precisaria ser conformado.

¹³ Santiago Pevsner Calatrava Valls (Valência, 1951) é um arquiteto e engenheiro espanhol, autor de obras singulares como a Cidade das Artes e das Ciências de Valência. É considerado um dos “stararchitects”, arquitetos de renome internacional cujos projetos são impactantes.

Figura 2- Reprodução de parte da aba *Inspirações*, no website do empreendimento.



Fonte: <http://vivacaismaua.com.br/inspiracoes/>

Nesse contexto, o próprio Jordi Borja (2016, p. 38), um dos protagonistas das experiências catalãs, pondera:

Desmitificar el «modelo Barcelona» presentando sus sombras es la mejor manera de hacer creíbles las muchas luces que se han encendido en la ciudad. Reconocer que no es un modelo transferible a otras ciudades no sólo es una cuestión de responsabilidad intelectual, es también ofrecer un conjunto de ideas y criterios que pueden estimular a otros a buscar soluciones propias.

Do mesmo modo, não esgotando as possibilidades de análise, a forma como o empreendimento era divulgado merece atenção, uma vez que determinados atributos são exaltados, enquanto outros são omitidos ou relativizados. Kruse (2011, p. 138), por exemplo, enfatiza alguns apelos discursivos presentes na “venda” da proposta, sobretudo no que se refere a certos artifícios laudatórios, os quais visam a sua aceitação, notabilizada pela exploração do patrimônio público por entes privados. Mais uma vez, está evidente o intuito de conduzir as percepções de parte da população em direção a um posicionamento favorável.

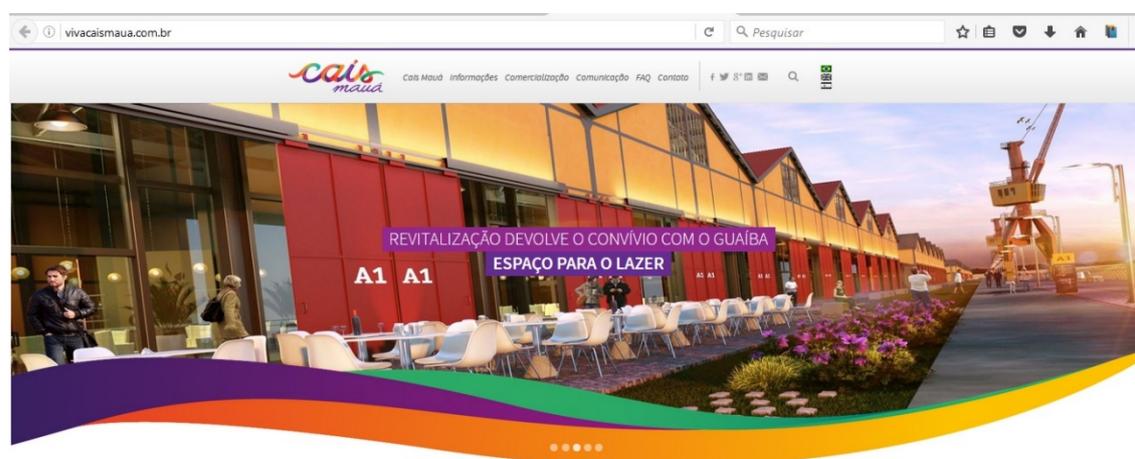
A presença da afirmação do caráter público, do “para todos” do projeto multifuncional, também é refletido (sic) em outros projetos do “modelo”. A justificativa visa a legitimação, por parte da população, da execução da

intervenção, sendo melhor aceita se for para uso comum, mesmo que de iniciativa privada.

Fortemente sustentada por ferramentas publicitárias, essa estratégia era recorrente em várias peças presentes no principal canal do empreendimento – o *website* –, onde estavam depoimentos, referências, simulações e representações que reiteravam as qualidades do que a sociedade contemporânea supostamente mais desejaria.

Por exemplo, na imagem de uma das telas de abertura do *website* da Cais Mauá S.A. (fig.3) despontava a frase de efeito “REVITALIZAÇÃO DEVOLVE O CONVÍVIO COM O GUAÍBA - ESPAÇO PARA O LAZER” sobreposta a uma perspectiva (simulação digital) onde apareciam os antigos armazéns do porto, tendo em primeiro plano mesas e jardins. A iluminação valoriza a ilustração sugerindo o entardecer, momento cuja luz é considerada mais agradável pelo tom dourado que traz à cena, ao mesmo tempo em que remete ao famoso pôr do sol do Guaíba.

Figura 3: Simulação da intervenção sobre os armazéns a serem preservados



Fonte: <http://vivacaismaua.com.br>

Apesar de a chamada ter como foco central o resgate do convívio com o Guaíba, destacando o lugar e a paisagem, o lago não aparece na cena, sendo, inclusive, “cortado” no limite do píer. Esse protagonista negado pela imagem seria um elemento fundamental, havendo, portanto, um apagamento que fala, traindo e descontextualizando o enunciado central.

Os armazéns antigos, edificações tombadas a serem preservadas, aparecem na montagem em plena forma. Inclusive, a linha formada pelo conjunto é interrompida pelo

recorte da imagem, recurso que dá a ideia de continuidade, de infinito. No entanto, apenas o primeiro plano recebe tratamento, sugerindo o que seria um bar/café, tipo de serviço que potencialmente animaria a área e, conseqüentemente, traria receitas ao empreendimento. A cena indica um comportamento de fruição da paisagem, considerado desejável pelo senso comum e associado a experiências de consumo. Kellner (2004, p. 9) nos ajuda a compreender tal estratégia publicitária construída com o jogo das imagens:

Na cultura da imagem pós-moderna, o estilo e o visual se tornam parâmetros cada vez mais importantes de identidade e de apresentação do indivíduo na vida cotidiana, e os espetáculos da cultura da mídia mostram e dizem às pessoas como devem se apresentar e se comportar.

Nesta peça, como nas demais presentes no *website*, raramente são expostas as principais e polêmicas intenções, como era o caso das torres comerciais e do *shopping*. Essa omissão talvez expresse que a intervenção como um todo estaria atenta e restrita apenas à preservação do patrimônio, não havendo maiores impactos na volumetria ou no perfil do conjunto. Mas por que o Guaíba é omitido?

A afirmação “devolver o convívio com o Guaíba” insinuaria a ideia de um espaço/paisagem que não é devidamente utilizado pela população. Porém, é notório que sempre existiram formas de ocupação da orla, precárias, provisórias ou informais, mas que promovem animação ainda que não da forma glamorosa induzida.

Apenas o proposto restituiria o esperado convívio de moradores e visitantes com o espaço e com a natureza? O silenciamento relativo a qualquer alusão sobre os usos do Guaíba pela população é evidente. Embarcações que ali circulam comercialmente, barcos de lazer, barcos de pesca e competição, remadores em treinamento, são todos exemplos de usuários e atividades ali presentes com regularidade e que foram subtraídas desse texto visual. A vida de fato existente no rio foi interdita no discurso publicitário construído. Omite-se o Guaíba “vivo” para tornar razoável um discurso de restituir-lhe vida e supostamente devolvê-lo à população. Mas a qual parcela da população?

APONTAMENTOS FINAIS

Para a análise do empreendimento Cais Mauá, tomamos seu website como materialidade a ser examinada. Nosso objetivo foi mostrar sua intencionalidade em

estabelecer sentidos, moldar condutas e educar usuários, como tem sido demonstrado em análises das já mencionadas práticas entendidas como pedagogias culturais. Se bem-sucedida, tal estratégia – que alia representação e pedagogia – favoreceria a que a proposta passasse a ser aceita como um “presente” aos cidadãos, e não como um negócio, despojando a iniciativa de seu caráter principal: o econômico.

Ao mesmo tempo, as estratégias empregadas ao descrever as potencialidades do espaço para a realização de atividades investidas de glamour e atualidade vão modelando as ambições e desejos do público, contribuindo para reduzir sua resistência e dirigir suas escolhas. Noutra direção, contudo, elas também são produtivas ao alimentar as polêmicas e críticas, estimulando discussões inerentes ao desejável exercício da cidadania, processo que, para o seu pleno desenvolvimento, exige formação, capacitação e discernimento de seus atores.

Nosso breve ensaio sobre as movimentações de tal proposta de revitalização urbana pretendeu também realizar uma aproximação entre os campos do urbanismo e da educação para dar visibilidade às possibilidades analíticas de uma abordagem – a dos Estudos Culturais – que articula campos de conhecimento supostamente distanciados, como é o caso da educação e do urbanismo. Nossa intenção foi de esboçar uma provocação acerca das fecundas possibilidades de investigação, assim como do exercício de novas leituras, que se abrem mediante tal articulação.

Ainda que possa parecer ambicioso falarmos em uma “pedagogia do urbanismo”, os consistentes subsídios que os Estudos Culturais em Educação nos têm trazido, particularmente com o aporte do conceito de pedagogias culturais, nos incentivam nessa direção.

Entendemos que analisar os eventos urbanísticos acoplando ferramentas externas ao campo do urbanismo possa contribuir para a compreensão da cidade e das práticas que a constituem em toda a sua complexidade. Isso se torna visível e pode ser observado nos incontáveis desdobramentos existentes em um processo como o da revitalização do Cais Mauá de Porto Alegre.

REFERÊNCIAS

ADONIS BARBIERI, Rodrigo. **Representação e pedagogia nos embates por um projeto urbanístico: a revitalização do Cais Mauá de Porto Alegre** [on-line]. 2017. 164 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2017. Disponível em: <https://servicos.ulbra.br/BIBLIO/PPGEDUM238.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2016.

ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Usos do conceito de pedagogias culturais em pesquisas dos Estudos Culturais em Educação. **Textura**, PPGEDU/ULBRA, Canoas, v. 17, n. 34, 2015.

ANDRADE, Paula Deporte; COSTA, Marisa Vorraber. Nos rastros do conceito de pedagogias culturais – invenção, disseminação e usos. **Educação em Revista**, UFMG, Belo Horizonte, v. 33, jun. 2017.

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DAS CIDADES EDUCADORAS. **Carta das cidades educadoras**. Genova, 2004. Disponível em: <https://www.edcities.org/rede-portuguesa/wp-content/uploads/sites/12/2018/09/Carta-das-cidades-educadoras.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.

BENÉVOLO, Leonardo. **História da cidade**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BORJA, Jordi. **Luces y las sombras del urbanismo de Barcelona**. Gestión de la ciudad. Barcelona: Editorial UOC, 2010. Disponível em: <http://turismoirresponsable.info/wp-content/uploads/2014/07/53b29bcb86db8.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2016.

CAMOZZATO, Viviane Castro. Pedagogias do presente. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 573-593, abr./jun. 2014.

CAMOZZATO, Viviane Castro; COSTA, Marisa Vorraber. Vontade de pedagogia – pluralização das pedagogias e condução de sujeitos. **Cadernos de Educação** da UFPel, Pelotas -RS, n. 44, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/testando/article/view/3372>. Acesso em: 15 jan. 2016.

CAMOZZATO, Viviane Castro; CARVALHO, Rodrigo de; ANDRADE, Paula de (org.). **Pedagogias culturais: a arte de produzir modos de ser e de viver na contemporaneidade**. Curitiba: Appris Editora, 2016.

COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Estudos culturais em educação**. Mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

COSTA, Marisa Vorraber; WORTMANN, Maria Lúcia. Estudos culturais e educação – expandindo possibilidades para compreender a dimensão educativa. In: LISBOA FILHO, Flavi; BAPTISTA, Maria Manuel (org.) **Estudos culturais e interfaces: objetos, metodologias e desenhos de investigação**. Aveiro, Braga (PT); Santa Maria (BR): Universidade de Aveiro, Universidade Federal de Santa Maria, 2016. *E-book*.

DEL RIO, Vicente. Voltando às origens. A revitalização de áreas portuárias nos centros urbanos. **Arquitextos**, São Paulo, v. 2, ago. 2001. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.015/859>. Acesso em: 15 jul. 2015.

ELLSWORTH, Elizabeth. **Places of learning**: media, architecture, pedagogy. New York: Routledge, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 23. ed. São Paulo: Loyola, 2013. 74 p.

GIROUX, Henry A., MCLAREN, Peter. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antônio Flávio (org.). **Territórios contestados**: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Apircuri, 2016.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KELLNER, Douglas. A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo. **Líbero**, São Paulo, ano 6, v. 6, n. 11, 2004.

KRUSE, Fabiana. **Intervenções em centros urbanos: o caso da antiga área portuária de Porto Alegre**. 2011. 168 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação Planejamento Urbano e Regional, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

LISBOA FILHO, Flavi; BAPTISTA, Maria Manuel (org.) **Estudos culturais e interfaces**: objetos, metodologias e desenhos de investigação. Aveiro, Braga (PT); Santa Maria (BR): Universidade de Aveiro, Universidade Federal de Santa Maria, 2016. E-book.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

NOGUERA-RAMÍREZ, Carlos Ernesto. **O governo pedagógico: da sociedade do ensino para a sociedade da aprendizagem**. 2009. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

PASQUOTTO, Geise. B. – Renovação, revitalização e reabilitação: reflexões sobre as terminologias nas intervenções urbanas. **Revista Complexus**, Instituto Superior de Engenharia Arquitetura e Design – Ceunsp, Salto-Sp, ano 1, n. 2, p. 143-149, set. 2010. Disponível em:

https://www.academia.edu/38126668/RENOVA%C3%87%C3%83O_REVITALIZA%C3%87%C3%83O_E_REABILITA%C3%87%C3%83O_REFLEX%C3%95ES_SOBRE_A_S_TERMINOLOGIAS_NAS_INTERVEN%C3%87%C3%95ES_URBANAS. Acesso em: 15 jul. 2015.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

ROSE, Gillian. **Visual methodologies: an introduction to interpreting visual materials**. 2. ed. UK: Sage Publications, 2006.

SANCHEZ, Fernanda. A reinvenção das cidades na virada do século: agentes, estratégias e escalas de ação política. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 16, p. 31-49, jun. 2001.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

SOUZA, Célia Ferraz de. **Plano geral de melhoramentos de Porto Alegre**: o plano que orientou a modernização da cidade. Porto Alegre: Armazém Digital, 2008.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os estudos culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Estudos culturais em educação**. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2000.

Recebido em: 30/06/2021

Parecer em: 28/07/2021

Aprovado em: 16/08/2021